



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais
Diversidades e (Des)igualdades
Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.
Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II
Campus de Ondina

A PRODUÇÃO DE CORPOS PERPASSADA PELA PRODUÇÃO DE LIXO: UMA INTERFACE ENTRE EDUCAÇÃO FÍSICA E EDUCAÇÃO AMBIENTAL

Ingrid Dittrich Wiggers
Doutora em Educação
Professora do Programa de Pós-graduação em Educação Física da
Universidade de Brasília
E-mail: ingridwiggers@gmail.com

INTRODUÇÃO: um outro olhar sobre o lixo

A imagem da esteira do caixa de supermercado, por onde rolam produtos alimentícios, materiais de limpeza, utensílios em geral e os mais diversos objetos de consumo, é parte integrante do nosso dia-a-dia. O hábito de “passar no supermercado” é um dos mais típicos do modo urbano de viver. Mas para alguns, pertencentes à parcela da população brasileira que é mantida à margem da rotina de compras em supermercados, um outro tipo de esteira faz parte do cotidiano: aquela utilizada em processos de triagem de resíduos. Recicladores de lixo exploram o desfile diário, sobre a esteira em movimento, do mundo do consumo “já consumido”. Embora também pudesse ilustrar significativamente o estilo de vida contemporâneo, a reciclagem de lixo, feita em torno da esteira, é uma imagem muito pouco presente em nossas representações.

Pode-se definir a reciclagem como sendo um processo que consiste na seleção e reaproveitamento de materiais, utilizando-os como matéria-prima para a produção de novos artigos. O montante de matéria-prima é gerado a partir do excesso de resíduos produzidos pela chamada “sociedade de consumo”. Através deste processo, parte destes resíduos podem ser reintroduzidos como mercadoria na cadeia de produção, comercialização e consumo de bens que circulam na economia de mercado. Desta forma, apesar de aparentemente contrapostas, as imagens das esteiras fazem parte de um único “mundo do consumo”. Há que se ressaltar, porém, que mesmo figurando no contexto da Educação Ambiental como uma das práticas mais valorizadas, a reciclagem de lixo, se permeada por interesses de mercado, pode ser utilizada para justificar, de certo modo, o processo consumista, ou até mesmo para “absolvê-lo” de sua



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II
Campus de Ondina

responsabilidade pela degradação ambiental. Assim veremos nas análises desenvolvidas nos próximos capítulos.

Este estudo foi formulado a partir de uma pesquisa etnográfica desenvolvida junto a uma associação de recicladores. O método caracterizou-se essencialmente pela observação do trabalho dos membros da associação, incluindo a participação direta na atividade de triagem de materiais, feita em torno da esteira rolante. Complementarmente, foram realizadas entrevistas registradas em áudio e posteriormente transcritas, além de oficinas de caráter formativo dirigidas aos recicladores, gerando um conjunto significativo de dados sobre a realidade investigada.

As “pessoas do lixo”, geralmente alijadas da escolarização, têm nessa atividade de trabalho parte importante do seu processo de socialização e de participação, direta e indiretamente, no mundo do consumo. Considerando que o lixo é fonte de sua atividade de subsistência e manutenção no mundo material, o contato com ele, em forma de trabalho, teria um papel significativo na sua socialização. Ao mediar de modo importante suas relações sociais, observamos que o lixo contribui significativamente para a construção das representações dos recicladores e modela ainda suas corporalidades. Além das diversas facetas da relação entre “consumo” e “reciclagem”, a pesquisa participante, em torno da esteira rolante em conjunto com os recicladores, demonstrou uma dimensão significativa dos processos de socialização observados: a relação entre o “lixo” e a “produção social de corpos”.

O “corpo” se destacou, conforme assinalamos, como uma categoria importante na análise dos dados coletados em campo, instigando-nos à elaboração deste estudo. Tal observação empírica tornou-se uma imagem visível ao nosso olhar porque este fora instrumentalizado por concepção que considera, além dos fatores biológicos, o caráter histórico e sócio-cultural do corpo. O corpo analisado em relação a seu enquadramento no tempo e no espaço revela uma expressão que retrata uma cultura e ao mesmo tempo a produz. O estudo do corpo compreendido em perspectiva política, ressalte-se, não se justifica meramente na plasticidade do corpo, mas principalmente na sua educabilidade



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais
Diversidades e (Des)igualdades
Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.
Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II
Campus de Ondina

e conseqüente formação de subjetividades, na qual o corpo se integra como dimensão fundamental.¹

Pretendemos, portanto, examinar aspectos da configuração social dos corpos na contemporaneidade. Ao relacioná-los à questão do “lixo das pessoas” e das “pessoas do lixo”², buscamos articular os resultados obtidos, através da pesquisa etnográfica, ao campo da Educação Ambiental. Esperamos, assim, oferecer novos subsídios para o debate em torno da questão do meio ambiente. Conforme Silva (1999, p. 9), “observando-se a produção teórica do movimento ambientalista é possível perceber uma despreocupação para com o corpo humano, encontrando-se muito poucas referências a esse respeito, o que pode demonstrar uma forma irrefletida ou a-crítica no tratamento dessa dimensão humana”.

Para referenciar nossa discussão, problematizaremos inicialmente as principais concepções de Educação Ambiental, considerando as teorias que as fundamentam, visando identificar as bases epistemológicas dessas concepções e as diferentes abordagens educacionais que podem gerar. Descreveremos em seguida a pesquisa empírica de acompanhamento do trabalho dos recicladores, procurando apresentar resultados e analisar processos de educação social do corpo, neste caso, aqueles observados na atividade de reciclagem de lixo.

UMA REFLEXÃO SOBRE EDUCAÇÃO AMBIENTAL

Uma discussão efetiva sobre a questão ambiental pede referências abrangentes. Trata-se de uma questão universal, que estaria imbricada na complexidade da existência do ser humano, remetendo-nos a uma discussão epistemológica. Uma revisão bibliográfica indicou a necessidade da análise teórica no campo da Educação Ambiental, visando discutir, além dos aspectos econômicos, outros de caráter fundamental, como as concepções de ser humano, de sociedade e de educação. Consultamos teses produzidas pelo Curso de Doutorado Interdisciplinar do Centro de Filosofia e Ciências Humanas da UFSC, anais de “Reuniões Anuais da Associação de

¹ Esta formulação teórica sobre o corpo tem base em obras clássicas como, por exemplo, as de Michel Foucault (1999) e de Norbert Elias (1990). No Brasil vários autores contribuem para esta reflexão, entre eles Denise Bernuzzi Sant’Anna (1995).

² A expressão “o lixo das pessoas e as pessoas do lixo” compõe o título do artigo de Lourenço (1990). ”.



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II
Campus de Ondina

Pós-Graduação em Educação” e ainda publicações em periódicos da área de Educação Física, que apresentam uma diversidade de abordagens sobre o tema. A partir desse material, concluímos que parte do debate hoje produzido nos meios científicos formais sobre a Educação Ambiental traz à tona questões epistemológicas que carecem ainda de problematização.

Sobretudo, esta ainda carece de uma investigação feita a partir dos “fundamentos da relação entre sociedade e educação”, extrapolando a sua condição de “pauta exclusiva” de grupos minoritários que lutam pela preservação do meio ambiente. Para subsidiar o entendimento da problemática ambiental como construção humana, visando alcançar uma coerência entre discursos e práticas sociais, o questionamento pelos educadores das concepções de Educação Ambiental poderia, a nosso ver, partir de reflexões acerca do projeto de sociedade que se quer construir, considerando a educação como parte importante desse processo.

Para Pedrosa (2003, p. 34), “o entendimento preliminar é que as questões da Educação Ambiental não são diferentes da Educação em seu sentido moderno: toda Educação visa a formação de determinado tipo de consciência, ao mesmo tempo, que pressupõe determinadas relações sociais”. O predicado “ambiental” nos remete à análise da construção histórica de uma educação que, sem ele, não seria ambiental. Conforme Grün (2002, 20-21),

Um breve olhar sobre o que poderia significar uma educação ambiental parece ser interessante para compreender um pouco melhor nosso momento histórico. O próprio predicado ambiental é esclarecedor de inúmeros problemas e constrangimentos conceituais. Como decorrência dessa predicação, uma das primeiras coisas que nos vem à mente é que se existe uma educação que é ambiental, deve existir também uma educação não-ambiental em relação a qual a educação ambiental poderia fazer referência e alcançar sua legitimidade. (...) não existe um conceito de natureza explícito na teoria educacional. A natureza é um conceito negativo na teoria educacional. A única maneira de se entender o conceito de natureza na teoria educacional é por meio de sua ausência. A educação ambiental surge hoje como uma necessidade quase inquestionável pelo simples fato de que não existe ambiente na educação moderna. Tudo se passe como se educássemos e fôssemos educados fora de um ambiente.

É uma educação moderna que negligenciaria, portanto, o fato de que existimos em um ambiente composto primordialmente de terra, ar, água e fogo e, arquetipicamente, de casas, casacos e corpos. Vale ressaltar que a educação, considere ou não as interações com o ambiente, é impregnada de intencionalidades políticas. A educação moderna se vale destas intencionalidades para corroborar um determinado tipo



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II
Campus de Ondina

de relação com o meio ambiente, caracterizada pelo uso da natureza como fonte de recursos. Uma outra relação poderia, no entanto, ser estabelecida, com base na interação cuidadosa entre os seres, mediada, também, pela educação. É esta uma das formas como a intencionalidade política da educação se manifesta: a maneira como concebe e fundamenta sua relação com o meio. Daí pode-se concluir que as causas da degradação ambiental são as mesmas causas da degradação social, pois por meio de processos de socialização podem se construir diferentes relações consigo, com o outro e com o meio, não necessariamente nessa mesma ordem. O pensamento de Morin (2003, p. 26) se vale desta argumentação: “Tudo o que fala da Natureza, fala da sociedade e para a sociedade”. O autor nos instiga, portanto, a considerar a dimensão sócio-histórica da Natureza. Isto representa que no plano da formação humana, ela torna-se um objeto de reflexão, ao contrário da aceção comum que trata a Natureza como um fim em si mesma.

PRODUÇÃO SOCIAL DE CORPOS MEDIADA PELO LIXO

A produção de lixo contamina, afeta e invade os corpos daqueles que das “sobras” produzem sua existência. Referimo-nos ao contingente de pessoas que têm como atividade social a manipulação de lixo em diferentes formas. Há os que coletam, há os que separam, há os que comercializam e há ainda os que dele se alimentam. Um artigo publicado em um dos principais jornais do país³ dá conta de que o “Brasil já exporta sua tecnologia da miséria urbana”, afirmando que atualmente há cerca de 400 cooperativas de catadores de materiais recicláveis no país e que existem cerca de 500 mil pessoas que adotaram a coleta destes materiais pelas ruas das cidades brasileiras como “profissão”.

À margem do debate sobre a Educação Ambiental, essa massa se desloca pelas ruas em precários carrinhos e carroças, transportando toneladas de material rejeitado pela sociedade de consumo. Já nos habituamos a conviver com essa imagem em nosso contexto urbano. Um contingente menos visível dessa população é formado pelos que sobrevivem em lixões, disputando com ratos, baratas e urubus as sobras de alimentos que aparecem em meio a materiais, recicláveis ou não, e a rejeitos tóxicos. Também

³ Jornal “Folha de São Paulo”, de 21 de maio de 2006.



fazem parte desse grupo social marcado pelo lixo os que lidam na triagem de materiais recolhidos pelos programas oficiais de coleta seletiva. Muitos trabalham em espaços precários e insalubres, que impregnam seus corpos de maneira irreversível.

A partir de cenários como estes, ainda ocultos para a maioria da população, acreditamos poder formular uma reflexão sobre a Educação Ambiental. Nossa intenção é contribuir para a compreensão de uma interface entre a “produção de corpos” e a “produção de lixo”, visando oferecer instrumentos para as necessárias mudanças na vida daqueles marcados diretamente pelo lixo.

Através dessa pesquisa, buscou-se olhar atentamente a questão do lixo por um determinado viés: as “pessoas do lixo”, aquelas que mantêm sua existência material a partir do lixo e cuja corporalidade seria configurada por essa condição.

Como parte do método, optou-se pela observação do trabalho diário da associação, com participação conjunta na atividade de separação dos materiais na esteira rolante. Além de entrevistas⁴ com os recicladores, realizamos uma oficina pedagógica sobre sua “construção da identidade”, produzimos um documentário em vídeo sobre o lixo e as diferentes abordagens para seu tratamento e promovemos atividades de lazer, como um passeio de barco na Lagoa da Conceição e a confecção de um painel em mosaico.

Trabalhavam na associação à época de nossa pesquisa, cerca de 25 adultos de ambos os sexos. Sua principal atividade era a triagem do material que recebiam da coleta seletiva realizada pelo município. O trabalho era feito em torno de uma esteira rolante de cerca de quatro metros, doada em 2000, pela prefeitura.

Os materiais são distribuídos em baias, de acordo com o tipo de matéria-prima, como papel branco, papel misto, jornal, papelão e assim por diante. Dali são retirados e prensados em fardos para posterior comercialização. Trata-se de um processo dinâmico porque o material não permanece acumulado por muito tempo. Dentro do galpão, observa-se uma constante modificação da topografia do espaço. Uma baia que estava cheia, logo se esvazia. Um espaço que estava vazio, em poucas horas é preenchido com fardos, que logo desaparecem levados pelo caminhão do comprador. Quanto melhor for

⁴ A maioria dos recicladores da associação demonstrou interesse em participar da entrevista, entretanto o tempo disponível para o trabalho de campo possibilitou a realização de apenas sete. Provavelmente os recicladores vêm a entrevista como uma oportunidade de serem ouvidos e, de certa forma, se sentirem reconhecidos pela sociedade.



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II
Campus de Ondina

a triagem, maior valor será agregado ao material separado. Uma embalagem de refrigerante, por exemplo, contém três diferentes tipos de plástico – a tampa, o rótulo e a garrafa – que devidamente separados possuem maior valor de venda.

A associação é administrada pelos próprios recicladores, que anualmente elegem uma diretoria, composta por presidente, vice-presidente, dois tesoureiros e dois secretários. Estes são responsáveis, entre outras funções, pela “partilha” do lucro das vendas dos materiais, que acontecia quinzenalmente. Cada um deles poderia ter até três faltas por “partilha”, se justificadas por atestado médico. As faltas sem atestado eram descontadas dos associados no momento da divisão do montante das vendas. O horário de trabalho, das 8:00 hs às 16:00 hs, com intervalos para almoço e café, correspondia a seis horas de trabalho diário. Na época da pesquisa, observamos que eram divididas entre eles as despesas com alimentação e transporte. Como todos residiam no mesmo bairro da periferia, fretavam um micro-ônibus que os transportava diariamente.

Sobre a esteira rolante do galpão da associação, vemos rolar revistas, livros, discos, roupas, calçados, perfumaria, eletrodomésticos, brinquedos e embalagens de todos os tipos. Os objetos despedaçados, deformados, parcialmente consumidos e descoloridos, desfilam ao lado de pedaços de pão velho, fezes, entulhos de construção, terra, animais mortos e outros fragmentos não identificáveis. Na esteira passam também muitos restos de alimentos que deveriam ser destinados à coleta convencional de lixo ou reciclados através da compostagem. Sacolas repletas de restos de comida estragada misturam-se à ração animal, sobras de festas e alimentos embalados com a data de validade vencida. Muitas vezes, estes alimentos estão mofados, com fungos e bactérias, o que põe constantemente em risco a saúde dos recicladores.

Os trabalhadores da associação vêem o mundo do consumo passar diante dos seus olhos na forma de sobra, de resíduo, de produto pós-consumo. Confirmando a análise de Costa (2004, p. 203-204), estes seres humanos têm contato com o mundo do consumo por meio do lixo de outrem:

O contato direto com o lixo, o do corpo com o lixo – lixo que não pertence nem foi fabricado pelos garis (...) constitui uma das formas pelas quais esses homens entram em contato com o mundo. Entram em contato com o mundo através do lixo do mundo. (...) Esses homens entram em contato com outros homens através do lixo de outrem.

A reciclagem, conforme percebemos em nossa pesquisa, torna-se uma importante ferramenta de acesso ao mundo do consumo. Em entrevista, uma das



associadas, 50 anos, afirmou: *“Eu tenho 20 pares de sapato, de todo tipo, não tem? Bico fino, mule. Tenho uma caixa de TV de 29’ cheia de sapato, todos eu encontrei aqui. [...] até a minha roupa íntima eu achei aqui, não tem?”* Observa-se que parte significativa do mundo do consumo, a despeito do estágio de deterioração dos objetos, ao passar pelo processo de triagem, é reciclado e reconstituído para ser “consumido” pelos corpos dos recicladores. Notamos ainda que esse processo pode reforçar a ideologia do consumismo entre eles. Ao ser perguntada sobre seu ideal de felicidade, a mesma associada respondeu: *“Eu não sou feliz! Eu não vou dizer pra ti que sou... Eu não sou feliz. Eu não tenho tudo que gosto e gosto de tudo que tenho. Quando eu digo não tenho tudo que gosto, conforto eu não tenho, não tem? Então, eu não tenho conforto na minha casa, meus móveis são simples. E pra uma pessoa ser feliz, eu acho que ela teria que ter a fartura né, porque hoje em dia é o que todo mundo almeja, ter fartura em casa. Por exemplo, assim, falta uma coisa, ter um dinheiro lá no banco e ir lá buscar pra pagar tal coisa. Ser feliz é assim, é a gente não passar trabalho na vida... Eu passo! A gente passa, aqui é tudo gente humilde, a gente passa muito trabalho na vida. Faltou um dinheiro pra pagar uma luz, tá trabalhando aqui, vai receber, tudo certinho, mas demora né. Se tivesse lá no banco, dá um pulinho lá rapidinho, pega, paga. Eu acho que é a falta na vida da pessoa que não faz a pessoa feliz. Eu seria feliz se tivesse essas coisas, uma boa casa, com bastante conforto, todo dia ter tudo o que se deve colocar na mesa, porque a gente não coloca tudo que se deve... A gente coloca, sim, mas não tudo o que se deve, não tem?”* No depoimento acima, o ideal de felicidade foi representado pela possibilidade de adquirir bens de consumo.

O mesmo se repete na fala de outra recicladora, 30 anos, dirigida a uma das pesquisadoras, durante conversa informal sobre a brincadeira do “amigo invisível” que seria realizada por ocasião do Natal: *“Tomara que a ‘coisa’ me pegue, se ela me pegar vou querer aquela calça que é justinha e amarra embaixo, igual a do shopping... Ô ‘coisa’, se tu me pegar, compra uma calça dessa pra mim? Não precisa ser a do shopping que eu sei que é muito cara, tem igual lá na ‘Sulcenter’ por R\$ 13,00.”* Para esta participante a realização de um desejo de consumo foi vinculada a um objeto que caracteriza sua representação de corporeidade, a calça “justinha” que ressalta a forma do corpo.



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais
Diversidades e (Des)igualdades
Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.
Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II
Campus de Ondina

Esta evidência nos remete ao trabalho de Silva (1999), que analisou no contexto histórico da Modernidade o fenômeno da expansão das práticas corporais como gestoras de um novo arquétipo da felicidade humana vinculado ao corpo. A autora relaciona sua análise sobre a expectativa de corpo ao modelo da tecnociência e à economia de mercado, onde se constata a importância do valor simbólico das mercadorias. Além deste, muitos outros estudos sobre a constituição social e política da corporeidade já indicaram que o corpo saudável e belo figura hoje como um dos “objetos de consumo” mais desejados (SANT’ANNA, 1995). Essa representação contrasta, segundo Silva (1999, p. 12) “com a situação vivenciada por grande parte da humanidade que convive, cotidianamente, com os flagelos da fome da doença; para essa grande maioria a expectativa de corpo se pauta por seu definhamento”.

Embora o fetiche da mercadoria se forme mediado pelo contato com o lixo, a renda obtida através do trabalho de reciclagem, que permite, como constatamos, um acesso ao mundo do “consumo deteriorado”, não proporciona o suficiente para que os recicladores participem efetivamente do mundo do consumo em primeira mão. O valor que cada associado recebe quinzenalmente não ultrapassa a quantia de meio salário mínimo. A venda dos materiais em forma de lixo não permite, pois, aos recicladores, comprá-los novos. Verifica-se que tanto os objetos encontrados no lixo quanto as representações que eles sugerem situam-se, na vivência dos recicladores, no plano do imaginário, pois primariamente o que está em jogo é a produção das condições materiais básicas para a sua existência.

O trabalho na associação, feito na esteira, caracteriza-se por reproduzir, de certa forma, parâmetros do período “taylorista-fordista”. Este modelo introduziu no processo de produção industrial, no início do século passado, a divisão do trabalho e a esteira rolante, visando o aumento da produtividade.

Com as técnicas fordistas foi possível incorporar ao maquinismo os tempos e os movimentos de execução de tarefas, o que levou à fragmentação dos movimentos requeridos ao trabalho vivo. Ao mesmo tempo intensificou consideravelmente o trabalho e colocou o trabalho morto na base do processo de produção. Nesta direção, o fordismo acabou por aprofundar a desqualificação do operário, não exigindo que este pensasse acerca de seu desempenho no processo de trabalho. Como resultado, emerge um trabalhador com habilidades técnicas, mas sem a visão da totalidade. Tem-se assim a alienação do trabalhador e a expropriação de seu saber” (TURMINA et al, p. 52).

Por outro lado, entretanto, o ritmo da esteira rolante no galpão da associação é determinado pelo próprio trabalhador. Note-se que a precariedade da divisão do trabalho



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II
Campus de Ondina

acarreta uma otimização deficiente, prejudicando a produtividade. Por esta contradição, a atividade de trabalho da reciclagem observado na esteira da associação pode ser definida como “pré-taylorista-fordista”. Todavia, uma das características comuns entre o modelo taylorista-fordista e o trabalho na associação é o funcionamento ininterrupto da esteira, que exige um número mínimo de trabalhadores e provoca nos corpos destes a necessidade de constante movimento. Nossa participação no processo fez-nos sentir no corpo os efeitos dos movimentos executados para produzir a separação dos materiais. Enquanto a esteira rola os resíduos, os recicladores pegam os materiais para depositar em diversos recipientes que se localizam de forma desorganizada no chão, ao redor de cada trabalhador. Ao final de um curto período, a torção constante do tronco e dos braços para a direita e para a esquerda, no sentido horizontal, provoca dores e mal-estar corporal. Os separadores que despejam os sacos abertos numa das pontas da esteira, fazem o movimento contrário, o vertical, assim como os responsáveis pela produção dos fardos, que realizam sua função com o auxílio de uma prensa. Estes últimos utilizam de modo mais equilibrado os membros superiores e inferiores, enquanto os primeiros, que se fixam em torno da esteira, pouco movimentam as pernas. O pouco uso dos membros inferiores se reflete na resistência por deslocamentos, por exemplo, até a cozinha ou outros espaços próximos ao galpão. A obesidade é uma evidência entre os recicladores, inibindo o dinamismo da movimentação corporal no trabalho.

Outro aspecto destacou-se em nossa pesquisa de campo: as condições do espaço de trabalho dos recicladores. Uma descrição breve do galpão poderia iniciar pelas paredes altas e sujas, decorada espontaneamente com objetos, fotos, quadros, murais e cartazes encontrados no lixo. A pintura carece de manutenção, assim como o restante da estrutura. Mas sobressaem aos olhos do visitante a montanha de lixo, a esteira rolante, duas prensas e as baias.

As baias são em número insuficiente e por isso usam-se caixas d'água, caixas de ar condicionado, caixas de papelão e outros tipos de recipientes para armazenar o lixo separado. Esses equipamentos ficam dispostos no chão, o que propicia a proliferação de toda espécie de animais. No galpão circulam diariamente, entre os seres humanos que lá produzem sua existência e as montanhas de material que se acumulam por toda parte, baratas, moscas, formigas, ratos, ratazanas, cães e gatos. São vetores de doenças que os



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II
Campus de Ondina

separadores desconhecem, para as quais não foram vacinados, sobre as quais não têm meios de prevenção.

Na parte térrea há um banheiro masculino e outro feminino, ambos em estado precário. Os vasos não possuem assento, o espelho é pequeno e quebrado, o espaço para troca de roupas e depósito é inadequado. O mau cheiro dos banheiros, ainda quando limpos, é quase insuportável para os que não estão integrados ao ambiente. Não há papel higiênico, papel toalha ou sabonete – um pacote com oito rolos de papel higiênico corresponde ao valor de um fardo de lixo reciclado. As mulheres utilizam pedaços de pano ou ainda guardanapos embalados em sacos plásticos, encontrados em meio ao lixo, para sua higiene.

Não há calçamento em volta do galpão. Quando chove, a lama atrapalha o movimento dos carrinhos de mão que transportam o material do galpão para a parte externa. A área de processamento do vidro também é descoberta e nos dias de chuva, vento ou frio, os separadores que lá trabalham ficam expostos às intempéries. Não existe na associação sequer uma caixa de primeiros-socorros que possa ser usada em alguma emergência.

Na parte superior há um pequeno mezanino, onde funciona a cozinha. As três mesas e seus bancos e peças decorativas, assim como grande parte das louças e talheres, foram encontrados no lixo. Uma geladeira velha, sem borrachas de vedação, gera grande gasto de energia elétrica. Há ainda um *freezer* pequeno e barulhento, um fogão industrial e um pequeno armário. Uma janela é voltada para a rua e a outra para dentro do galpão, onde há um sino que é tocado pela cozinheira para informar os horários de intervalo e de retorno ao serviço. O cardápio em geral é composto de arroz, feijão, carne de porco ou almôndega, ou ainda ovo frito. A salada é um prato eventual, constituída de tomate e cebola. A água que os recicladores consomem diariamente, ressalte-se, não é tratada, constituindo-se em mais uma, entre tantas, fontes de insalubridade da vida no galpão. O chão da cozinha é coberto por carpetes, também vindos do lixo. É o espaço mais respeitado pelos associados, que, para manter a limpeza no lugar onde são feitas as refeições, deixam seus calçados do lado de fora. Os recicladores, como vimos, conhecem e prezam, em parte, a importância da relação entre higiene e alimentação.

As más condições de trabalho, segurança e higiene a que estes trabalhadores estão diariamente submetidos podem gerar variadas reações em nós, observadores



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II
Campus de Ondina

externos. Entre os associados, no entanto, verificamos uma certa naturalização dessas condições. Pouco ou nada reclamam da chuva que entra no galpão, da lama e sujeira que os cercam, da precariedade dos banheiros. Ao contrário, muitas vezes parecem colaborar para a falta de limpeza. O ambiente sujo e desorganizado se reflete no corpo dos recicladores, que se faz espelho do lixo, marcando a sua aparência com a mesma estética.

A influência do espaço na formação corporal humana tornou-se aparente para nós que convivemos ao lado das pessoas do lixo. Tratando-se de lixo reciclável as pessoas fazem uso das sobras do mundo do consumo deixando vestígios no seu corpo. As mulheres usam um brinco diferente em cada orelha, blusas faltando botões, calçados deteriorados, restos de perfumes e cosméticos. Sobretudo, o corpo explorado como um instrumento de trabalho expõe abertamente as marcas de uma condição de classe, evidenciadas nas mãos e nos pés calejados, no rosto e no cabelo maltratados e na ausência de saúde bucal (BOLTANSKI, 1989). A aparência pouco saudável do corpo não passa despercebida como marca indesejada pelos recicladores, conforme deram a entender, de certo modo, em falas como a que segue: *“Eu seria feliz... com saúde, saúde é o mais importante, honestidade, né... isso já dá pra considerar a gente feliz.”*

Observamos, durante nossa pesquisa de campo, que atividades de caráter cultural-educativo e de lazer não faziam parte do cotidiano das pessoas do lixo. Assim, não demonstram interesse ou necessidade pelo aprendizado, sendo que para alguns deles mais valeria uma dose de cachaça do que um encontro de formação. Pudemos constatar isso durante a atividade de confecção de um mosaico artístico nas paredes do galpão da associação, parte de nossa proposta de estágio. Convidados a participar deste momento os recicladores não demonstraram interesse e o trabalho na triagem não foi interrompido. Um ou outro associado vinha dar sua contribuição e logo voltava ao trabalho. Na hora do almoço, a adesão foi um pouco maior, não alcançando, porém 10% dos recicladores.

O mesmo ocorreu por ocasião da atividade de encerramento das oficinas, quando propusemos um encontro entre todos para avaliar o trabalho desenvolvido. Organizamos uma reunião em uma sala para projetar fotografias que registraram o cotidiano da associação e ainda outras referentes ao passeio de barco. Pela primeira vez, ao longo de três meses, a esteira parou para que os recicladores pudessem participar de nosso



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II
Campus de Ondina

trabalho. Embora a maioria tenha se deslocado com cortesia para a sala onde se realizaria a atividade, alguns não concordaram com este procedimento. Entre estes, um questionou: *“O que eu vou ganhar com isso?”* Ao ter como resposta que ele prestigiaria o trabalho das pesquisadoras e também provavelmente aprenderia algo, retrucou: *“Pode pagar a minha parte em cachaça.”*

Para a maioria dos recicladores, mesmo aqueles que demonstraram desejo pelos espaços de formação que lhes estavam sendo oferecidos, a participação nesses espaços não ocorria porque eles mesmos não se permitiam parar de trabalhar na reciclagem, *“para brincar”*, conforme suas palavras. Outra declaração, em contrapartida, manifestou a educação como um critério de *“cidadania”*: *“Não realizada é uma pessoa que não conseguiu estudar, que não conseguiu se firmar na vida, tudo que tentou não conseguiu, ficou parada no tempo, né?”*

A necessidade de garantir a produtividade no galpão de reciclagem para prover a existência material dos associados foi lembrada em várias ocasiões por um de seus líderes: *“Não é nada pessoal com vocês. A gente gosta de vocês. Mas nós precisa trabalhar. É o nosso ganha pão. A gente não pode sair daqui. Se a esteira parar a gente não recebe. A esteira não pode parar.”*

Outra atividade realizada, um passeio de barco na Lagoa da Conceição, programado para um sábado, dia de folga dos recicladores, também não alcançou a pretendida adesão. Apenas quatro associados compareceram, embora onze tivessem confirmado no dia anterior. A não participação no passeio foi justificada de diversas formas: algumas mulheres não receberam autorização do marido para ir ao passeio, outras não tiveram com quem deixar seus filhos durante o sábado e alguns deles passaram a noite anterior bebendo e se drogando.

A imagem lúdica da reciclagem de lixo representada pelos recipientes coloridos que enfeitam os centros urbanos, ou ainda aquela que representa os três erres: *“reduzir, reutilizar e reciclar”*, que aparece em embalagens de produtos ditos comprometidos com a preservação do meio ambiente, foram abaladas através da pesquisa de observação e participação em processos de triagem de lixo. Concluímos que o lixo não pode ser compreendido apenas como uma questão ambiental, alvo de ecologistas inflamados baseados em discursos ingênuos e preservacionistas, passando a se configurar como um significativo problema social de ordem mais abrangente. Nesta perspectiva os



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II
Campus de Ondina

problemas ambientais exigem uma intervenção não apenas de grupos ou interesses específicos, mas sim de uma ação cotidiana de todas as pessoas e sobretudo de políticas públicas efetivas.

REFERÊNCIAS

BOLTANSKI, Luc. *As classes sociais e o corpo*. 3 ed. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1989.

CONSTANTINO, Rodrigo. A máfia verde e seu rebanho. 25 de agosto de 2004.

Disponível em: <http://www.midiaseम्मascara.com.br/>. Acesso em: 20 setembro 2006.

COSTA, Fernando Braga da. *Homens invisíveis*: relatos de uma humilhação social. São Paulo: Globo, 2004.

ELIAS, Norbet. *O processo civilizador*: uma história dos costumes. Rio de Janeiro: Zahar, 1990.

GRÜN, Mauro. *Ética e educação ambiental*: a conexão necessária. 2 ed. Campinas: Papirus, 2000.

LOURENÇO, Márcia Denise. O lixo das pessoas e as pessoas do lixo. *Cadernos de METEP*. Universidade Estadual de Maringá, ano 3, n. 2, p.123-135, jan./jul. 1990.

ENGELS, Friedrich; MARX, Karl. *A Ideologia Alemã*. São Paulo: Hucitec, 2002.

OURIQUES, Helton Ricardo. A questão ecológica no capitalismo: uma crítica marxista. *Motrivivência*, Florianópolis, n.22, p. 19-38, jun. 2004.

COGGIOLA, Osvaldo. Ecologia e marxismo. *Motrivivência*, Florianópolis, n.22, p. 47-69, jun. 2004.

MORIN, Edgard. *A cabeça bem feita*: repensar a reforma, reformar o pensamento. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2000.

NIETZSCHE, Friedrich Wilhelm. *Humano, demasiado humano*. São Paulo: Cia das letras. 2005.

REIGOTA, Marcos. *O que é educação ambiental?* São Paulo: Brasiliense, 1994.

SILVA, Ana Márcia. *O corpo do mundo: reflexões acerca da expectativa de corpo na Modernidade*. 1999. Tese (Doutorado Interdisciplinar em Ciências Humanas) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 1999.

TURMINA, Adriana et al. Especialistas ou generalistas? As origens desse dilema e os seus desdobramentos para a práxis dos orientadores e dos supervisores educacionais. *Perspectiva*, Porto Alegre, n. 27, p. 47-59, 2003.

www.greenpeace.org.br/transgenicos, acesso em 29/09/06.

www.monsanto.br, acesso em 29/09/06.

www.cocacolabrazil.com.br, acesso em 27/09/06.

www.cempre.org.br, acesso em 27/09/06.